
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LINCOLN DE CARVALHO JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, AFETIVO E
SOCIAL: EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL I**



Rio Claro
2012

LINCOLN DE CARVALHO JUNIOR

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO, AFETIVO E SOCIAL: EDUCAÇÃO
INFANTIL E FUNDAMENTAL I

Docente Responsável: Prof. Dra Maria Isabel Nogueira Tuppy

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita filho” – Campus Rio Claro, para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Rio Claro
2012

153.15 Carvalho Junior, Lincoln
C331i A importância da música no desenvolvimento cognitivo,
afetivo e social: educação infantil e fundamental I / Lincoln
Carvalho Junior. - Rio Claro : [s.n.], 2012
48 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Maria Isabel Nogueira Tuppy

1. Psicologia da aprendizagem. 2. Professores. 3. Arte. 4.
Currículo. 5. Formação. I. Título.

DEDICATÓRIA

*Dedico ao meu avô,
Giovanni Sorgon,
E ao meu tio,
Sérgio Giovani Sorgon,
que cedo partiram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Maria Isabel Nogueira Tuppy, por toda atenção, dedicação, direcionamentos e instruções, além de toda paciência.

A Marcela Fernanda Esteves, por todo incentivo e apoio dentro e fora da universidade.

A minha mãe Josiane Ap. Sorgon e minha avó Ana Zulzke Sorgon que sempre compartilharam das minhas conquistas e angústias, inclusive as acadêmicas.

Ao meu pai Lincoln de Carvalho, minha irmã Juliana Caroline de Carvalho e ao menino Arthur de Carvalho Lima, bem como meu cunhado Daniel de Lima e ao amigo da família João Paulo, por fazerem parte da minha vida.

Aos familiares que sempre incentivaram meus estudos e comemoraram comigo essa conquista.

As colegas de classe que dividiram o mesmo espaço durante esses anos, em especial, Alyne Arins, Tiago Coelho, Kelli Cristina, Tabata Bergonci, Vanessa Mussini, Liliane Ribeiro, Greice Rovero, Ailton Borges, Camila Christofolletti, Naiá Andrade, Joselaine Stênico, Francisca Ismênia, Marina Rodrigues, Rosemeire Lacerda e Elaine Lopes.

Aos professores que em muito instigaram meu desenvolvimento acadêmico, em especial a professora Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro.

E ao Universo por conspirar ao meu favor.

RESUMO

Estudos comprovam que os fetos desde o útero já respondem a estímulos sonoros e que a música, por sua vez, pode influenciar no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do indivíduo. É a partir de tais considerações que o presente trabalho identifica, através de levantamento bibliográfico mais aprofundado, quais os fatores que a linguagem musical pode desenvolver nas crianças e como tal linguagem se constitui num “treinamento” para o cérebro, visando, primordialmente, a busca de novas práticas de aprendizagem. Analisamos, ainda, o currículo de formação dos professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia das universidades federais e estaduais brasileiras, observando a ênfase dada à modalidade do ensino de música nos cursos de formação de professores unidocentes. Por fim buscamos oferecer subsídios metodológicos, dos quais os professores unidocentes possam lançar mão para o desenvolvimento de atividades destinadas ao trabalho com musicalização infantil.

Palavras Chave: Ensino de Música, Música e Desenvolvimento, Formação de Professores.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	6
2- A ARTE ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	9
3- MÚSICA E DESENVOLVIMENTO.....	17
4- FORMAÇÃO DO PROFESSOR UNIDOCENTE.....	23
5- PROPOSTAS DE ATIVIDADES.....	34
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

Introdução

Ao deparar com o fato de obrigatoriamente ter que elaborar um trabalho de conclusão de curso, busquei abordar um tema com o qual possuo forte identificação, visto que poderia ser relevante e, ao mesmo tempo, pudesse colaborar com a formação de possíveis leitores do presente trabalho. Por isso a questão da arte com enfoque na música foi tomada como eixo de trabalho o que proporcionou a orientação da professora que desenvolveu a temática durante a minha graduação e assim poderia prosseguir de maneira prazerosa e eficaz, criando a partir daquilo que acredito.

A arte é trabalhada na escola através de 4 eixos básicos, conforme destacado nos parâmetros curriculares nacionais para a educação fundamental e nos referenciais curriculares para a educação infantil, a saber: música, dança, teatro e artes visuais. Orienta-se que tais temáticas sejam sempre trabalhadas através de um método lúdico, pois desta maneira possibilita às crianças expressar seus sentimentos, vontades, desenvolver diversos tipos de linguagem (como oral, gestual e corporal), além de sempre ser um estímulo à imaginação e criatividade.

Porém, percebemos que a arte na escola, em geral, é trabalhada com caráter meramente instrumental, e segundo Almeida (2001), a maioria dos professores não sabe a razão pela qual as expressões artísticas são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar.

Perguntas como “O que os alunos aprendem quando desenham, pintam ou constroem imagens tridimensionais, quanto cantam e tocam, dançam e dramatizam?”, geralmente recebem respostas ingênuas ou explicações simplistas; às vezes, as respostas são evasivas ou simplesmente as perguntas não são respondidas. (ALMEIDA, 2001, p.13)

A arte pode ser entendida como uma atividade humana ligada às manifestações de ordem estética, a partir de percepção, emoção e idéia. Porém, sua definição varia de acordo com a cultura e civilização, bem como sua função social, sua forma de produção e os sujeitos que a envolvem – quem produz, e a quem se destina.

Como sabemos, está previsto no Parâmetro Curricular Nacional de Arte, o ensino desta área do conhecimento nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Inclusive o referido parâmetro destaca a importância da arte para o seu pleno desenvolvimento no mundo do trabalho conforme a descrição que segue:

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades (...) A arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos (BRASIL, 1998, p.19)

Ao entendermos a música como ferramenta presente e essencial no desenvolvimento do indivíduo, esse estudo pretende analisar, por meio de levantamento bibliográfico, como a música está ligada ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Além disso, pretendemos verificar se os cursos de Pedagogia estão inserindo, de maneira eficaz, em seus currículos, disciplinas que possam qualificar o professor unidocente para o trabalho com música, atentando-se para o fato que recentemente foi aprovada a lei nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008) que afirma que: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.”, alterando assim a lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), tendo as escolas que se adaptarem a essa realidade nesse ano de 2012.

Como futuros docentes da educação básica os graduandos de cursos de Pedagogia devem possuir alguma base para poder iniciar seus discentes na musicalização, tratando do assunto de maneira adequada à idade da criança e à realidade na qual a comunidade escolar se desenvolve.

Pretende-se avaliar nesse estudo como se pode trabalhar a música no contexto escolar e as possibilidades de desenvolver essa modalidade e suas peculiaridades no âmbito escolar, principalmente no Ensino Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental que, normalmente, não conta com o trabalho de um especialista e tão somente com o do professor unidocente. Como afirma Borges:

A música, no âmbito da escola regular é, sobretudo, atividade de grupo. A ação do professor se dará no sentido de trabalhar o grupo. Realidade diferente é encontrada na prática conservatorial e também na prática de aulas individuais, muito freqüentes no que tange à linguagem musical. Em tal prática, a orientação se dará no sentido de encontrar soluções diferenciadas para cada aluno, levando em conta seus aspectos individuais (BORGES, 2006, p. 1).

Para justificar a importância desse trabalho podemos afirmar que a música está inserida nos mais diversos contextos da vida real, em restaurantes, bares, bancos, lojas, academias, clubes, propagandas, influenciando de maneira relevante o comportamento do ouvinte modificando decisões e o próprio ambiente e por isso nos cabe o questionamento acerca de qual educação musical pretendemos aderir na educação básica, pois de acordo com Hangreaves (2005):

[...] a música preenche muitas funções cognitivas, sociais e emocionais através da demonstração de que tem poder para influenciar comportamentos diversos como a escolha de um produto pelo consumidor e comportamentos associados às compras; eficiência no trabalho; percepção temporal e a tendência de aguardar por sinais; velocidade de ingestão de comidas e bebidas; eficiência nas tarefas cognitivas; humores e estados emocionais das pessoas, suas atitudes em diferentes ambientes e a probabilidade de lá permanecerem (HANGREAVES, 2005, s/p.).

Ao nos depararmos com o fato de que a música é item obrigatório no currículo escolar temos, sim, que elaborar um plano de trabalho que possa fazer com que a música colabore no desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos alunos levando em consideração a certeza de que todos são capazes de criar a arte e deixando de lado aquela idéia de “dom natural” que muitos afirmam. Não se pretende tornar as crianças grandes músicos no futuro, mas sim torná-los capazes de criar através da música, de abrir novas perspectivas além daquelas oferecidas pelos meios de comunicação de massa. E como afirma Ilari (2005):

[...] os maiores efeitos da música são aqueles contidos nas experiências que ocorrem diariamente em todas as partes do mundo, quando crianças, de diversas etnias, culturas e classes sociais cantam, dançam, criam e brincam com a música simplesmente porque é natural (e muito divertido) fazê-lo. São as experiências musicais de qualidade, realizadas dentro e fora da escola, que fomentam e garantem o desenvolvimento cognitivo musical das crianças (ILARI, 2005, s/p.).

Arte através dos tempos

Buscamos aqui fazer uma breve apresentação histórica do conceito, da função e do significado da Arte através do tempo, entendendo por expressões artísticas a Música, a Dança, a Pintura, a Escultura, o Teatro, a Literatura, a Fotografia, o Cinema, a História em Quadrinhos, o Videogame e a Arte Digital.

A arte dos povos pré-históricos consistia em representar o mundo em que viviam e suas crenças através de imagens visuais, que iam desde pinturas em paredes e rochas a peças decorativas e esculturas. A arte pré-histórica não está necessariamente ligada à idéia de “arte” que conhecemos hoje, pois não era algo que acontecia separadamente de outras atividades e de outras esferas da vida cotidiana.

Uma idéia semelhante pode ser entendida no que tomamos por manifestações artísticas provenientes das antigas civilizações de agricultores que viviam ao longo dos rios Nilo, Eufrates e Tigre. Tais civilizações criaram sofisticados sistemas sociais e ricas culturas artísticas. Dentre estas civilizações podemos destacar o povo Egípcio, cuja arte, que para eles, era associada com o processo criativo do Universo, sob influência de magia e forças transcendentais. A arte para os egípcios também nos passa uma sensação de atemporalidade e imutabilidade, como é o caso de suas mais grandiosas construções – as pirâmides – utilizadas como monumentos funerários.

Na cultura dos Sumérios, a idéia de Arte pode ser entendida de forma semelhante, sendo que a estética estava presente nos templos religiosos, centros econômicos, e sua decoração a partir de estatuetas de deuses e sacerdotes.

Com a supremacia da Babilônia, podemos ver uma arte que incluiu animais fantásticos como guardas de templos, o código de Hamurábi em destaque na escultura, e a representação de deuses, como Shamash, o deus do Sol e da Justiça. O Império Assírio, sobretudo no primeiro milênio d.C., pode também ser lembrado por seus relevos que traziam técnicas militares, façanhas do rei, caça de animais selvagens e batalhas. Foi uma época de imensos palácios decorados, muitas vezes, com figuras que pretendiam afastar os maus espíritos. Um exemplo da fantástica arquitetura do início deste período é o imponente palácio do rei babilônico

Nabucodonosor II, que possuía jardins suspensos de mais de cem metros. A arte no território Persa era também marcada por esculturas decorativas de animais, plantas e padrões geométricos e, mais tarde, figuras humanas.

Na região do extremo oeste da Ásia, a arte do território de Anatólia demonstra um alto nível de acabamento em modelagens em ouro, prata e bronze. Seu relevo era uma forma de arte comemorativa, e diferente da arte egípcia, por exemplo, não se tenta contar uma história. Sua ostentação está não em uma descrição histórica, mas na representação de divindades e cerimônias.

A arte na China antiga encontra sua mais significativa expressão no período da dinastia Shang, de 1700 a 1025 a.C. Tal arte possuía da mesma forma, uma conotação sagrada, representando figuras até hoje comuns na arte Oriental: o dragão, a fênix, aves e monstros fantásticos com fundos ornamentais. A ligação, na China antiga, entre o poder político e religioso, fazia com que o soberano fosse responsável pelas relações com o sobrenatural, acreditando que a ordem terrena precisava ser refletida na ordem celeste, e que o controle da magia e das forças cósmicas eram essenciais para um bom governo. Porém, com mudanças de ordem política e social, tal significado foi se perdendo e as peças que anteriormente tinham como objetivo transmitir forças divinas tornaram-se decorações abstratas.

Muitas outras culturas localizadas em diversas partes do mundo deixaram também suas marcas no que entendemos por manifestação artística. Como vemos, a arte que produziam era indissociável da vida cotidiana, da adoração pelas divindades e das forças transcendentais, do registro de histórias e façanhas e do caráter decorativo.

Posteriormente ao que entendemos por Arte no período das antigas civilizações, para se chegar à Arte dos tempos atuais é necessário passar pela mais influente cultura artística do ocidente: a Antiguidade Clássica.

Por mais de mil anos, os povos da Grécia criaram uma grande variedade de pinturas, esculturas e foram magistrais na arquitetura, trazendo inovações técnicas como o uso da cerâmica, os motivos circulares e geométricos, o desenho sob silhuetas, o trabalho com a mistura de movimentos e espaço. As figuras humanas tornam-se cada vez mais harmônicas, e as situações representadas foram tornando-

se mais realistas. Toda a arte grega tende para o realismo, seja na pintura, na decoração, na escultura, e a perfeição anatômica, sobretudo, era de extrema importância. Para os gregos, a beleza não era simplesmente um ideal cultural que ligava a arte aos deuses – era uma busca pessoal. A sociedade grega era cada vez mais ligada ao pensamento filosófico, e os artistas preocupavam-se em buscar uma solução para unir a representação de deuses e motivos religiosos ao humano, que era o novo campo de interesse dos filósofos que procuravam entender a relação entre homem e universo. A partir daí, a estética torna-se cada vez mais realista na tentativa de representar o que houvesse de mais belo, através das características físicas. A música na arte grega também possuía um importante papel, sendo associada ao universo divino e considerada um poder efetivo, presente em diversos momentos da vida, desde as apresentações públicas a vida íntima familiar.

A arte no Império Romano foi bastante influenciada pela cultura grega e etrusca. Demonstrando o poder de seu império, os romanos construíram pontes, fortalezas, estradas, aquedutos e cidades cercadas por muros. Assim, podemos perceber que a aplicação prática era a principal característica da arte romana. A escultura também tinha papel fundamental na arte romana, influenciada pelos exemplos gregos, retratava seus imperadores – que geralmente vinham acompanhadas de mensagens ideológicas – e figuras de destaque como guerreiros.

Porém, com o reconhecimento da religião Cristã, a arte do Império Romano cede espaço ao paleocristianismo. As primeiras pinturas cristãs surgem em Roma, em locais de culto e refugio cristão, pois tratava-se de um grupo minoritário e perseguido. Os primeiros cristãos representavam o corpo humano de forma bidimensional, trazendo elementos da arte pagã e harmonizando-os com os elementos do cristianismo. Jesus, nesse período, foi representado de diversas formas, incluindo o símbolo pictográfico “peixe”. Dentro da multiculturalidade dos romanos, estes primeiros cristãos encontraram pontos de referência e crença religiosa: o monoteísmo dos estóicos (que acreditavam na supremacia de Zeus); a salvação espiritual prometida por Deméter e Dionísio, cujos símbolos (milho e vinho) vieram a ser adaptados à cultura cristã; e o culto da deusa Ísis, semelhante à figura de Maria.

Com o deslocamento do poder romano para Constantinopla e a propagação do cristianismo, a arte proveniente passou a ser considerada sagrada e imutável. A Arte Bizantina, como foi chamada, é marcada pela rejeição do comum em favor do extraordinário, demonstrando uma cultura baseada nas leis imutáveis do universo cristão e um abismo social entre os leigos e os líderes da Igreja. A Arte Bizantina faz uma verdadeira ruptura com a Antiguidade Clássica. Ao contrário das primeiras representações de Cristo, sua figura agora é representada como um ser incrível, semelhante a Jeová do Velho Testamento. O círculo dourado adotado pelos reis do oriente é também adaptado para a figura de Jesus, tornando-se a auréola medieval de Cristo.

Enquanto os povos cristãos faziam de sua arte um meio de expressar e difundir sua religiosidade, outras civilizações se desenvolviam paralelamente em locais distantes do mundo cristão. Inspiradas por diferentes formas de vida e de pensamento religioso, estas culturas produziram um vasto leque artístico. Na Ásia, as culturas da Índia e da China desenvolviam uma tradição artística que já datava de muitos séculos. Ambos tiveram uma influência muito grande sobre os povos vizinhos, como era o caso do Japão, e muitas vezes tais culturas desenvolviam-se em conjunto.

Na Índia, percebemos uma arte que reflete os esforços constantes para dar forma ao divino, e a abundante produção de estátuas forneceu bases para o desenvolvimento de esculturas hindus e budistas. A diferenciação na representação de homens e mulheres também é bastante perceptível: os homens geralmente são representados eretos e rígidos, enquanto as mulheres possuem graça e beleza, com corpo flexível e sensualidade. As pinturas da China, geralmente paisagens locais, expressavam técnica e delicadeza, e serviam de pano de fundo para narração de acontecimentos humanos e místicos. A introdução do Budismo também abriu possibilidades artísticas: a pintura narrativa, os pergaminhos lidos na horizontal, lidos da direita para a esquerda, as paredes dos templos, túmulos e palácios sempre adornados com figuras de cores brilhantes. A caligrafia também representava uma importante forma artística na China, bem como os vasos e pratos de porcelana.

No Japão, o cultivo de arroz e a transição de uma vida nômade para a agricultura ofereceu bases para o desenvolvimento da cerâmica e metalurgia. O que

se entende por arte no Japão desse período aparece na produção de utensílios, colares, armas e objetos de decoração. O aperfeiçoamento das técnicas com madeira permitiu o desenvolvimento de uma arquitetura religiosa, que passou desde templos e santuários até a influência do Budismo com a criação de grandes esculturas. O Japão, entretanto, começa a configurar um estilo próprio com a difusão do culto à divindade Amida, que tornou-se uma fonte popular de representação pictórica.

Outra cultura pouco lembrada quando pensamos no desenvolvimento da Arte é a cultura da África Subsaariana, devido ao fato de não se ter considerado a possível diversidade de estilos existentes. Assim, com as precárias condições de conservação, pouco restou de suas obras. Pelo que podemos ver no que foi resgatado, entretanto, são comuns as representações do rosto humano e os artefatos utilitários, como vasos e instrumentos musicais, sobretudo instrumentos de sopro.

Retornando à Europa, o estilo Bizantino cedeu espaço a uma forma de arte mais suave porém de temática igualmente religiosa: o Gótico, que desenvolve-se durante a Idade Média e perdura até o Renascimento no século XII. O estilo se expande pela Europa seguindo as rotas comerciais da época, tendo início no território francês. É nesse período que começam as grandes construções de catedrais – como, por exemplo, a catedral de Notre Dame – a partir de técnicas inovadoras de arquitetura. É também marcado pelos vitrais que retratam geralmente cenas bíblicas e religiosas. A arte Gótica abre, assim, caminho para um novo capítulo na história da arte. A transição da Idade Média para o Renascimento traz o início da pintura secular, havendo pela primeira vez uma preocupação efetiva com o futuro.

Deixando para trás o domínio soberano da religião, o Renascimento traz a Racionalidade, o rigor científico, o Ideal Humanista, o renascer das antigas culturas clássicas como uma nova fonte de inspiração e vida. No período de transição entre o Gótico e o Renascimento, o caráter técnico da arte passa a sofrer algumas mudanças tanto na questão de utilização de materiais quanto na própria composição das cenas e representações. As pinturas passam a ser produzidas de modo a propiciarem sua comercialização, e não mais como parte decorativa de construções

e utensílios. Os recursos desenvolvidos representam um salto muito grande em relação aos estilos anteriores, trazendo antigas técnicas que se perderam ao longo do tempo: as técnicas da antiguidade clássica. A arte assume uma nova função social, e gradativamente torna-se privilégio de uma classe burguesa que possuía tempo para dedicar-se a ela.

Mais à frente, diferenciando-se da arte característica do Renascimento, o Barroco vem trazer um estilismo complexo e um desejo de evocar estados emocionais apelando aos sentidos de forma dramática, através de exuberância, grandeza, drama, movimentação e vitalidade. Num contexto de Contra-Reforma e missões católicas de evangelização, a arte sacra novamente encontra seu espaço, desta vez apelando para a emoção intensa. O papel da Arte Barroca era, dessa forma, pregar a fé por meio da sensibilização, recorrendo a recursos dramáticos e apelo emotivo de fácil compreensão.

Passamos, assim, por três distintos momentos nas artes europeias: a ascensão do cristianismo e sua conseqüente propagação e necessidade de representação, seguida da quebra religiosa e de um retorno à antiguidade e ao equilíbrio, e posteriormente uma necessidade de retorno à religiosidade através do apelo dramático. Mas esse período é novamente quebrado pelo retorno, mais uma vez, à antiguidade clássica e ao período Renascentista, através da arte Neoclássica que prega o equilíbrio e a perfeição técnica e anatômica. A arte Neoclássica é particularmente burguesa e nobre, geralmente direcionada à corte e a representação fiel de personagens importantes da época. As manifestações artísticas europeias posteriores eram bastante ligadas ao academicismo, à perfeição técnica e ao realismo. O movimento que trás uma nova forma de arte que não se preocupava com o retrato fiel da realidade foi o Impressionismo, cuja pintura traz ilusões de ótica propiciadas por descobertas no ramo da fotografia. O Impressionismo também teve representantes na música e na Literatura, bastante relacionada com o Simbolismo.

Acompanhada da música, a dança também se transforma através dos tempos, sendo uma das três artes cênicas da antiguidade, e realizada nas mais variadas culturas, muitas vezes com caráter religioso e de celebração ou cerimônia.

Com o advento da fotografia, já não se fazia necessária a representação fiel da realidade e começa uma busca por novos caminhos e técnicas no campo das

artes visuais. Começam a surgir novos movimentos que coexistem no mesmo período, e que procuram não apenas retratar a realidade, mas sim transformá-la e dar a ela vida própria através de formas e cores. O Expressionismo, que surge na Alemanha, abrange diversas formas de manifestações artísticas: pintura, arquitetura, literatura, música, cinema, teatro, dança, fotografia, entre outros. Esse movimento costuma ser entendido como a deformação da realidade para expressar mais subjetivamente a natureza e o ser humano, cedendo lugar aos sentimentos em detrimento da idealização da realidade.

A fotografia tem início com a câmera escura e passa por diversas transformações até chegar à fotografia que conhecemos atualmente. Da fotografia em preto e branco às coloridas, um grande passo é dado, chegando aos filmes instantâneos, às máquinas fotográficas portáteis e, finalmente, à fotografia digital.

Na era Moderna e Contemporânea, o Surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa, a arte Pin-Up exerce forte influência na cultura Pop e o Expressionismo Abstrato combina a intensidade emocional alemã à estética antfigurativa européia e o cubismo em uma arte especificamente norte-americana.

As Histórias em Quadrinhos surgem no início do século XX como uma busca de novos meios de expressão e comunicação visual. No início eram essencialmente humorísticos, e com o passar dos anos passaram a desenvolver traços de ação, com temas ligados à ficção científica, tramas policiais e aventuras. Ainda na primeira metade do século, o aparecimento da figura do super-herói redescobre o universo das *comics*, e mais à frente, quadrinhos direcionados à adultos demonstra que essa expressão artística não possuía um caráter meramente infantil. Os quadrinhos japoneses (mangás) abrem espaço em diversos países para a cultura japonesa através de um estilo de desenho que ganha força e uma legião de admiradores, trazendo os mais variados temas para todos os gostos e públicos.

Nesse mesmo período, os jogos de vídeo e de computador desenvolvem-se tecnologicamente e esteticamente, da segunda metade do século até os dias atuais, assumindo o formato que conhecemos, passando pelos jogos de Odyssey, Atari, Nintendo Entertainment System, Sega, até chegar aos modernos consoles utilizados atualmente como Playstation e Xbox. O design e a complexidade dos jogos transformaram situações e gráficos simples como Spacewar em elaboradas tramas e

trabalhos artísticos gráficos de qualidade incontestável como Metal Gear e Final Fantasy.

Com o desenvolvimento tecnológico da computação gráfica, novos recursos artísticos trazem a Arte Digital como expressão bastante comum da atualidade. Dos padrões bidimensionais, evoluem para o trabalho em três dimensões, a ilustração, o mapa de pixels, a vetorização e, em consequência, a modelagem que resulta em animações cinematográficas digitais de alta qualidade.

As mudanças do sentido da Arte durante os séculos são muito profundas e difíceis de serem sintetizadas. Devido a essa amplitude, fazer uma retomada da história da arte em todas as suas expressões para entender seu papel nas diversas sociedades é bastante complexo. Porém, é a partir da retomada de antigos conceitos, funções sociais, desenvolvimentos e transformações, que podemos compreender – superficialmente – os novos caminhos que vêm tomando aquilo que entendemos por “Arte” e, quem sabe, redescobrir seu significado, lembrando que nosso foco será a música na atual sociedade em que vivemos.

Música e Desenvolvimento

A música é de suma importância na vida e na história do ser humano, sendo que em cada cultura sua utilização é diferenciada, ela age no desenvolvimento da criança, de maneira abrangente, ou seja, o cognitivo, a afetividade e o social. Nas palavras de Nogueira:

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as regiões do globo, em todas as culturas, em todas as épocas: ou seja, a música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço (NOGUEIRA, 2003, p. 1).

No útero o feto já responde a estímulos sonoros e ao encontro com outros estudos é possível dizer que a música é “treinamento” para o cérebro humano, onde essa trabalha de maneira a interligar os sentidos da visão, tato e audição. Por se tratar de um órgão auto-organizável, o cérebro do bebê é faminto de novas experiências que o transformam em redes neurais para a linguagem, o raciocínio lógico, o pensamento racional, a resolução de problemas e os valores morais (Kotulak, 1997 apud Ilari 2003). Ainda segundo Ilari são elas (redes neurais) que permitem a associação de idéias e o desenvolvimento de pensamentos abstratos, que constituem as bases da inteligência, imaginação e criatividade.

O fato apenas de apreciar a música também é um fator de desenvolvimento, visto que proporciona relaxamento e colabora para o aperfeiçoamento do raciocínio lógico e da memória atuando segundo Pederiva e Tristão (2006) de maneira ainda mais complexa no sistema nervoso central:

A audição de uma música é também uma tarefa extremamente complexa, já que engloba diferentes padrões, associações, emoções expectativas, entre outras coisas. Isto envolve um conjunto de operações cognitivas e perceptivas, que são representadas no sistema nervoso central (PEDERIVA; TRISTÃO, 2006, p.85).

Devemos considerar o fato de que a música trabalha de maneira interessante a afetividade, pois é notório que ela pode agir como calmante e/ou estimulante, tendo até mesmo atribuições no campo da saúde auxiliando no tratamento de doentes. Nesse sentido, alguns países dão ênfase a essa modalidade nos

currículos dos professores de educação básica, pois acredita-se que a linguagem musical é de extrema importância no campo afetivo da criança.

A importância da música na formação integral de crianças e jovens já era destacada na Antiguidade, a propósito da formação do caráter do homem público, do guerreiro (Santos 2010). É também facilmente observada no desenvolvimento social da criança, pois podemos identificar sua presença na própria história de vida de cada um de nós, através de canções populares onde vivenciamos diversos sentimentos, os quais nos remetem lembranças da infância onde diversas atividades em grupo se davam através de músicas vindas de gerações anteriores, tratando assim o resgate da história de cada um e trabalhando a coletividade.

Pode-se dizer que o papel dos pais e da escola na utilização da música para potencializar o desenvolvimento da criança é essencial e, como dito anteriormente, desde o útero o feto já responde a estímulos sonoros e é por isso que desde a gestação a mãe deve cantar e ouvir músicas e caso saiba, tocar instrumentos. Os pais devem sempre utilizar a música de diferentes gêneros durante toda a fase de crescimento para assim nutrir o cérebro de seus filhos e torná-los ouvintes críticos, pois encontram mais tarde nos grandes meios de comunicação músicas apenas comerciais que em pouco contribuirão para esse desenvolvimento, de acordo com Bueno e Macedo (2004, p. 28) “a preferência musical e sua escolha parecem ser altamente influenciadas pelos fatores sociais, emocionais e cognitivos, assim como pelo contexto de quem está ouvindo.”

Do valor social que se atribui à educação musical espera-se a oportunidade para o desenvolvimento de um pensamento crítico da realidade de cada um, a partir do qual o aluno seja capaz de transformar uma postura de consumidor passivo do que lhe é imposto pela mídia, tendo condições agir de forma mais refletida sobre aquilo que ouve (HENTSCHE,1991,p. 59 apud COUTO;SANTOS,2009 p. 119).

Podemos perceber que a linguagem musical está presente em todos os níveis educacionais e desde muito cedo podemos perceber a necessidade que temos de distinguir os sons e suas singularidades, “a distinção entre alturas, timbres e intensidades já aconteceriam desde o nascimento até o décimo mês de vida, tornando-se cada vez mais refinadas” (Pederiva e Tristão 2006). Estamos envolvidos numa “tempestade sonora” cada vez mais caótica onde nossa audição é pouco

respeitada, então não seria importante educar nossos ouvidos através da música? Segundo Ferreira e colaboradores (2007) sim:

A música tem uma linguagem abrangente. E o ensino dela favorece o gosto estético e de expressão artística. Formando o ser humano com uma cultura musical desde criança, estaremos educando adultos capazes de usufruir a música, de analisá-la e de compreendê-la. O educador pode trabalhar a música em todas as áreas da educação (FERREIRA et al, 2007, p. 7).

A música possibilita também que o lúdico seja trabalhado, instigando a imaginação, a atenção, a memorização, o raciocínio e a imitação e quando trabalhada através da produção sonora a partir de instrumentos, não necessariamente instrumentos musicais, mas objetos que permitam o trabalho sonoro, como um balde, uma madeira, enfim aquilo que produza som. Desta forma, contribui-se para o desenvolvimento da coordenação motora fina, essencial na educação infantil sendo que “ a performance musical engloba assim, habilidades motoras e habilidades aurais” (PEDERIVA;TRISTÃO, 2006, p.84).

Devemos sempre levar em consideração e oportunizar à criança a produção de sons a fim de que ela se sinta capacitada a criar músicas, o que não deve ser feito com vistas à perfeição, mas sim, com o objetivo de aguçar a atenção para as diferentes qualidades sonoras existentes, possibilitando um aprendizado prazeroso e eficaz onde a expressão artística torna-se mais uma ferramenta através da qual a criança observa, influencia e comunica-se com mundo. Defendo assim a tese das inteligências múltiplas de Gardner (1983) de que a música não é apenas talento (dom natural), mas como aponta Ilari (2003):

A teoria de Gardner (1983) sugere que todos os seres “normais” (isto é, não portadores de doenças congênitas como autismo ou Síndrome de Down) possuem todos os tipos de inteligência, todos abertos ao desenvolvimento. Ou seja, diferentemente do talento, a inteligência musical é um traço compartilhado e mutável, isto é, um traço que todos possuem em um certo grau e que é passível de ser modificado (ILARI, 2003, p.12).

No trabalho musical como em qualquer outro trabalho que objetiva o desenvolvimento da criança é de extrema importância que levemos em

consideração a fase de desenvolvimento na qual ela está inserida e assim poder utilizar a zona de desenvolvimento proximal que Vygotsky defendia. Segundo ele, não se deve facilitar demais a atividade infantil, menosprezando a capacidade da criança, tampouco se deve exigir demais a ponto de desmotivá-la pela dificuldade e o pelo sentimento de impotência para realizar determinada tarefa. O ideal é trazer a ela a música como brinquedo e motivação, pois “a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo” (VYGOTSKY, 1998).

Pensando no desenvolvimento afetivo e social, é primordial que permitamos aos alunos, mostrar aquilo que eles já conhecem, fortalecendo neles a importância de saber ouvir o outro e de respeitar a cultura de cada um, enfatizando a dimensão cultural que a música contém, propondo atividades coletivas e assim quebrar paradigmas e preconceitos e enfatizar a liberdade de expressão apresentado-lhes novidades e, conseqüentemente, a ampliação do repertório, nunca hierarquizando as culturas, sejam elas clássicas, folclóricas, populares, estrangeiras, etc.

...valorizar a cultura própria das crianças, favorecer o trânsito da cultura entre professores e crianças, e permitir a criação e a recriação da própria cultura do país, com o cultivo do respeito à manifestação folclórica - a individualidade da criança e a do grupo a que ela pertence. (FERREIRA et al, 2007, p. 13).

Devemos atentar ao fato de que podemos trabalhar a música de maneira muito ampla, mesmo que ela não seja necessariamente o foco do trabalho, mas sim ferramenta, trilha sonora para uma dramatização, para hora do almoço, para pular corda, ou seja a música na organização das tarefas e como complemento a diversas atividades, onde o silêncio, que também é uma qualidade sonora, não seja deixado de lado visando o desenvolvimento, tanto quanto a percepção auditiva da música propriamente dita, considerando-se que na educação básica o objetivo não está em formar músicos profissionais, mas sim aguçar as múltiplas possibilidades sonoras deixando a cargo dos próprios alunos seguir para um futuro aperfeiçoamento musical. Nesse sentido que além de trabalharmos a linguagem musical devemos permitir o contato com os instrumentos musicais a fim de instigar a curiosidade, a imaginação e a criação, pois “a percepção, a produção e o aprendizado musical,

portanto, envolvem processo neurobiológico extremamente complexo” (PEDERIVA;TRISTÃO, 2006, p.84).

A música por toda a sua importância deve sim estar na grade curricular obrigatória da educação básica, porém não pode ser considerada como um fim, mas sim como um meio. A perspectiva principal é de torná-la um instrumento a serviço da educação da criança e não a criança a serviço da educação musical, pois o grande aprendizado estará nas entrelinhas e na condução do processo por parte do professor responsável e preocupado com o fazer pedagógico, “Em outras palavras, ninguém precisa fazer magia: para desenvolver a inteligência musical e o cérebro da criança, basta fazer música”. (ILARI, 2003, p.14).

Nós educadores não devemos levar em consideração apenas o fato da obrigatoriedade da música na educação básica brasileira (Lei 11.769/2008), mas perceber o quão importante ela é para o desenvolvimento da criança e que a escola pública é talvez a única possibilidade de contato com essa modalidade para muitos alunos. Couto e Santos destacam a importância da música na escola, bem como do engajamento dos professores:

Poder-se-ia dizer então que o papel da educação musical na vida escolar dos indivíduos seria o de democratizar o acesso à linguagem musical, a partir de um engajamento dos educadores musicais com uma sólida fundamentação teórica que conduza sua prática nesse ambiente, buscando ações que possibilitem o desenvolvimento perceptivo para as diferentes manifestações musicais que nos cercam. (Couto;Santos,2009, p. 115).

No trabalho com a música tem que ser claro que o objetivo maior deve ser a criança e seu desenvolvimento e que para se trabalhar a música na educação básica não há necessidade que os professores sejam músicos profissionais, no entanto que sejam sensíveis à arte e que possuam algum aparato teórico para tal trabalho, além de compreenderem a importância, a amplitude e a eficácia de uma educação musical na rede pública brasileira, voltada para o desenvolvimento completo do indivíduo. Nas palavras de Couto e Santos:

Se conseguirmos oferecer esse tipo de educação musical estaremos dando importantes contribuições para que tenhamos, num futuro próximo, indivíduos mais capazes de agir de maneira crítica e consciente sobre o produto artístico de sua sociedade, e isso poderá

se refletir em questões sociais, políticas e sobretudo, aquelas intrinsecamente humanas (COUTO;SANTOS,2009, p.123).

Não podemos deixar que a música se torne apenas mais um componente curricular vago de significado, decretado e imposto, porém fazê-la ferramenta útil na transformação e emancipação do individuo tornando nossos alunos seres pensantes e sensíveis à arte como uma nova perspectiva de mundo, afinal nas palavras de Villa-Lobos apud Santos (2010): “por que se estuda música? Não há de ser, por certo, com o único propósito de ler e escrever notas.(...)”, a arte é pulsante e “visceral”, complexa e ampla em possibilidades, será que não é assim que devemos tratá-la? Sousa (2003) nos traz uma perspectiva biológica em relação à existência da música no cotidiano do ser humano (existem vertentes que defendem a música simplesmente como produto cultural e outras de que ela está ligada ao processo de evolução biológica) que não nos cabe aqui aprofundar, entretanto “se a música é um imperativo biológico, então a sua importância na vida do ser humano é consideravelmente maior do que geralmente se pensa.”

Nesse sentido analisaremos no próximo capítulo as grades curriculares de alguns cursos de pedagogia no intuito de fazer uma reflexão acerca do preparo dos profissionais que terão por incumbência o trabalho de iniciação musical das crianças. Segundo Sousa (2003, p.18) “O seu objecto é a criança e não a música, sendo por isso importante a formação psicopedagógica dos professores e não seus conhecimentos musicais.”

Formação do Professor Unidocente

O professor da educação básica, para realizar seu trabalho tem que possuir conhecimento nas mais diversas áreas, para que assim possa dar conta da grade curricular exigida. A nossa análise pretende evidenciar qual aparato formativo é oferecido nos cursos de pedagogia de algumas universidades públicas e apontar suas características afim de elucidar a qualidade da formação desse professor multidisciplinar na área específica de educação musical.

A princípio escolheríamos para tal análise as universidades brasileiras mais renomadas, porém ao pesquisar a questão de reconhecimento das universidades percebemos que o mais comum é encontrarmos diversos rankings com diferentes sistemas avaliativos que são confrontantes entre si, deixando obscura uma definição para “renomadas” e para não cometermos equívocos ou injustiças teremos como objeto de trabalho, sem hierarquização nenhuma, universidades estaduais e federais que disponibilizem as grades curriculares do curso de pedagogia em seus sites oficiais.

O objetivo do presente trabalho não está em avaliar a qualidade do currículo das universidades, mas sim demonstrar qual é a importância dada por elas à questão musical na formação dos futuros profissionais formados pelos cursos de Pedagogia. Não nos aprofundaremos na questão curricular como um todo, mas isoladamente na arte e/ou o enfoque em música presente em disciplinas curriculares.

Para demonstrar de maneira simples e de fácil entendimento uma pesquisa foi feita e a tabela a seguir, que traduz, de maneira simples e direta os dados coletados.

	<u>REGIÃO NORTE</u>	Pedagogia	Site com grade Curricular	Musica/arte (possui)	Nome das disciplinas
1	Universidade Federal do Acre	Sim	Não	-----	-----
2	Universidade Federal do Amazonas	Sim	Sim	Sim	A criança e as Artes Jogos e Atividades Lúdicas.
3	Universidade Federal do Pará	Sim	Sim	Sim	Arte e educação
4	Fundação Universidade Federal de Rondônia	Sim	Sim	Sim	Fundamentos e Prática do Ensino de Artes
5	Universidade Federal de Roraima	Sim	Não	-----	-----
	<u>REGIAO NORDESTE</u>	Pedagogia	Site com grade Curricular	Musica/arte (possui)	Nome das disciplinas
6	Universidade Federal de Alagoas	Sim	Não	-----	-----
7	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Sim	Sim	Sim	Obrigatória: Arte e Ludicidade na Educação Optativas: Artes cênicas, arte na educação,
8	Universidade Federal da Bahia	Não	-----	-----	-----
9	Universidade Estadual do Ceará	Sim	Não (só tem descrição do curso)	-----	-----
10	Universidade Federal do Ceará	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação
11	Universidade Regional do Cariri	Sim	Não (só tem a descrição do curso)	-----	-----
12	Universidade	Sim	Não (não há nem	-----	-----

	Estadual do Vale do Acaraú		descrição)		
13	Universidade Estadual do Maranhão	Sim	Sim	Sim	Fund.e métodos de ensino de artes
14	Universidade Federal do Maranhão	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação
15	Fundação Universidade de Pernambuco	Sim	Sim	Sim	Arte e educação
16	Universidade Federal de Pernambuco		O site estava fora do ar no dia da pesquisa 21/04/2012		
17	Universidade Federal Rural de Pernambuco	Sim	Sim	Sim	Arte na Prática Pedagógica I/ Arte na Prática Pedagógica II/ Metodologia do Ensino da Arte – I/ Metodologia do Ensino da Arte – II
18	Universidade Estadual da Paraíba	Sim	Sim	Sim	Conteúdo e Metodologia do ensino da Arte/
19	Universidade	Sim	Não	-----	-----

	Federal do Piauí				
20	Universidade Federal de Sergipe		Site fora do ar na data da pesquisa 22/04/2012		
21	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Sim	Sim	Não	Não
	<u>REGIÃO CENTRO-OESTE</u>	Pedagogia	Site com grade Curricular	Musica/arte (possui)	Nome das disciplinas
22	Universidade de Brasília	Sim	Sim	Sim	Optativa: FUNDAMENTOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO/ FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL
23	Universidade Estadual de Anápolis		Site não encontrado		
24	Universidade Federal de Goiás	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação I/ Arte e Educação II
25	Universidade Federal de Mato Grosso	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação
26	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação
27	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Sim	Sim	Sim	Arte, Corpo e Educação.
28	Universidade para o Desenvolvimento	Sim	Não	-----	-----

	do Estado e da Região do Pantanal				
	<u>REGIAO SUL</u>	Pedagogia	Site com grade Curricular	Musica/arte (possui)	Nome das disciplinas
29	Universidade Estadual de Londrina	Sim	Não	-----	-----
30	Universidade Estadual de Maringá	Sim	Sim	Sim	Formação docente para o ensino de arte na escola/ Educação, Mídia e Arte/
31	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Sim	Sim	Sim	Ludicidade, Corporeidade e Arte.
32	Universidade Federal do Paraná	Sim	Sim	Sim	Optativa:Arte na escola/ obrigatória: Metodologia de Ensino de Artes/
33	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Sim	Sim	Não	-----
34	Universidade Federal de Pelotas	Sim	Não	-----	----
35	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sim	Sim	Sim	Obrigatorias: Educação Musical- Educação e arte: Expressão Dramática e musical. /Eletivas: Práticas musicais/Arte Cultura Visual e Educação.

36	Universidade Federal de Santa Maria	Sim	Sim	Sim	Educação Musical/ Educação musical para Infância/ Jogo Teatral e Educação
37	Universidade Regional de Blumenau	Sim	Sim	Sim	Teoria Pedagógica e Prática em Artes.
38	Universidade do Estado de Santa Catarina	Sim	Não	-----	-----
39	Universidade Federal de Santa Catarina	Sim	Não	-----	-----
	<u>REGIAO SUDESTE</u>	Pedagogia	Site com grade Curricular	Musica/arte (possui)	Nome das disciplinas
40	Universidade Federal do Espírito Santo	Sim	Não	-----	-----
41	Universidade Federal de Minas Gerais	Sim	Sim	Sim	Arte no Ensino Fundamental/ Arte na Educação Infantil/ Arte e Movimento na Educação Infantil
42	Universidade Federal de Juiz de Fora	Sim	Sim	Sim	Fundamentos teórico-metod artes I/ experiência real ou insist do real nas artes: ext Latino-americanas.
43	Universidade Federal de Lavras	Sim	Não	-----	-----

44	Universidade do Estado de Minas Gerais	Sim	Sim	Sim	Arte na Educação: Conteúdos e Metodologias na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental/ Arte: Conteúdos e Metodologias na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental
45	Universidade Federal de Ouro Preto	Sim	Sim	Sim	Obrigatórias: Práticas Educativas: Artes/ Prática de Ensino de Artes. Optativa: Musicalização e Educação/ Arte e Conhecimento.
46	Universidade Federal de Uberlândia	Sim	Sim	Não	-----
47	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Não	-----	Não	-----
48	Universidade Federal de Viçosa	Sim	Sim	Não	-----
49	Universidade Federal de São Carlos	Sim	Sim	-----	-----
50	Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho	Sim	Sim	Sim	Fundamentos e Metodologia do Ensino da Arte.

51	Universidade Estadual de Campinas	Sim	Sim	Sim	Obrigatória: Educação, Corpo e Arte. Optativa: Seminário de Educação, Cultura e Artes
52	Universidade Federal de São Paulo	Sim	Sim	Sim	Obrigatória: Fundamentos teórico-práticos do ensino da Arte. Optativa: Expressão Musical: rítmica e ritmos- aspectos e pratico fundamental e EJA.
53	Universidade de São Paulo	Sim	Sim	Sim	Arte e Educação Infantil I: Música e Artes Visuais
54	Universidade Estadual do Norte Fluminense	Sim	Não	-----	-----
55	Universidade Federal Fluminense	Sim	Sim	-----	-----
56	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sim	Sim	Sim	Arte-educação/ Linguagem Musical na Educação Básica/ Oficina de artes.
57	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Sim	Não	-----	-----
58	Universidade do	Sim	Sim	-----	-----

	Estado do Rio de Janeiro				
--	--------------------------	--	--	--	--

Das universidades pesquisadas, encontramos um total de 53 universidades que oferecem o curso de Pedagogia, dessas, 37 universidades disponibilizam em seus sites oficiais as grades curriculares do curso, dentre as grades 30 delas possuem como disciplina a arte e/ou a música. A música como disciplina específica aparece nas grades curriculares de apenas 8 (oito) instituições, nas modalidades obrigatórias e/ou eletivas.

Apesar da obrigatoriedade da música na educação básica regular do nosso país, percebemos que apenas 15,09% das universidades pesquisadas abordam a música como temática específica de estudo e 56,60% trazem a arte na grade curricular do curso.

Analisando a região Norte, a Universidade Federal do Amazonas destina 3,63% de sua carga horária total de 3310 horas ao estudo de artes, porém não menciona a música no currículo, já a Universidade Federal do Pará de um total de 3200 horas, 1,88% contempla a arte e na Universidade Federal de Rondônia existe uma disciplina que aborda a arte, porém a carga horária não está disponível no site.

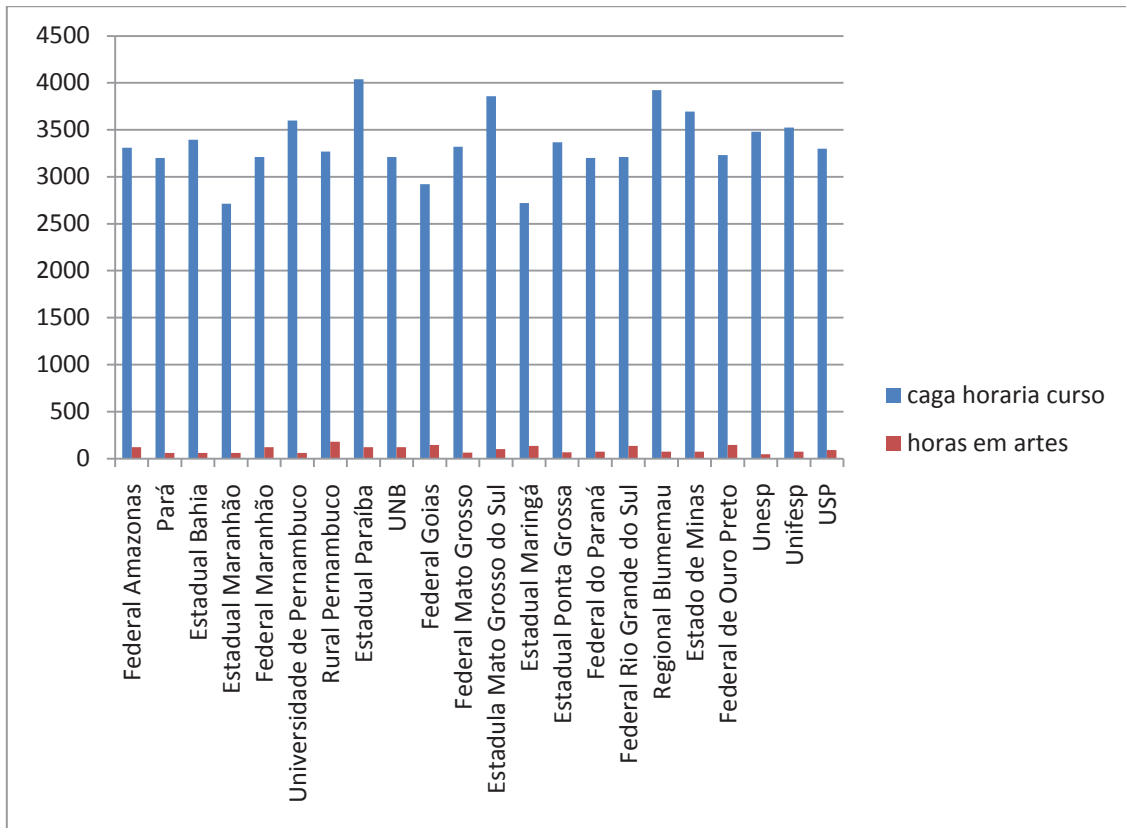
Na região Nordeste a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia de um total de 3395 horas disponibiliza 1,77% à arte distribuída em disciplinas obrigatórias e optativas, a Universidade Federal do Ceará não disponibiliza a carga horária, a Universidade Estadual do Maranhão 2,21% de 2715 horas e a Federal do Maranhão 3,74% de 3210 horas, a Universidade de Pernambuco 1,67% de 3600 horas, a Federal Rural de Pernambuco tem o maior percentual de carga horária destinada a arte com 5,5% de 3270 horas, já a Estadual da Paraíba aparece com 2,97% de 4040 horas.

A região Centro-oeste apresenta a Universidade de Brasília com a carga horária do curso com 3210 horas, sendo dedicada a arte 3,74% e a música especificamente 1,87% desde que o aluno tenha por opção a disciplina em linguagem musical, a Universidade Federal de Goiás possui o terceiro maior índice dedicado a arte com 4,93% de 2920 horas, a Federal do Mato Grosso 1,93% de

3320 horas, a Federal do Mato Grosso do Sul não disponibiliza a carga horária, já a Estadual do Mato Grosso do Sul 2,64% de um total 3858 horas.

A Universidade Estadual de Maringá na região Sul apresenta o segundo maior índice com 5% de sua carga horária de 2720 horas dedicadas a arte, ainda na região Sul a Estadual de Ponta Grossa aparece com 2,02% de 3368 horas, a Federal do Paraná com 2,34% de 3200 horas, a Federal do Rio Grande do Sul com 4,21% de 3210 horas, a Federal de Santa Maria não disponibiliza a carga horária apenas o nome das disciplinas, já a Universidade Regional de Blumenau 1,83% de 3924 horas totais.

No Sudeste as Universidades, Federal de Minas, Federal de Juiz de Fora e Federal do Rio de Janeiro não disponibilizam as cargas horárias, apenas o rol de disciplinas, a Estadual de Minas de sua carga horária total de 3693 horas, destina ao ensino de artes 1,95%, a Federal de Ouro Preto 4,46% de 3230 horas, a Universidade Estadual Paulista da carga horária total de 3480 horas, 1,29% a arte, a Universidade Federal de São Paulo 2,13% de um total de 3525 horas e a Universidade de São Paulo de uma carga horária total de 3300 horas 2,73% dedicada a arte que pode ser ampliada para 4,55% se o aluno optar por cursar a disciplina eletiva em música. A Universidade de Campinas não disponibiliza a carga horária total do curso e das disciplinas, porém a disciplina dedicada à arte aparece com carga horária semanal de 4 horas.



Fazendo um apanhado geral dos dados podemos evidenciar no gráfico que o as horas destinadas pelas universidades é relativamente baixa comparada com a carga horária total dos cursos, tendo em média um percentual de 2,63%. Dentre esses valores, devemos considerar, ainda, que o conteúdo em arte engloba as 4 áreas: a música, a dança, as artes visuais e o teatro, como acontece na graduação do curso oferecido pela universidade pela qual esse trabalho é realizado. Assim, poucas horas dentro do currículo de formação dos pedagogos formados por instituições públicas brasileiras são destinadas especificamente à música, tornando o presente estudo relevante na observação da problemática musical no currículo de futuros professores polivalentes e para amparar a formação desses profissionais proporemos atividades que buscam auxiliar no trabalho com a música.

Propostas de Atividades

Nosso objetivo no presente capítulo é o de oferecer aos alunos de pedagogia e professores unidocentes da educação básica, atividades para se trabalhar a música como área do conhecimento e como algo presente e fundamental na vida cotidiana de todos nós. Nossa pretensão é abrir horizontes e sugerir um trabalho focado no desenvolvimento das habilidades musicais, como apresentar elementos existentes na música e as propriedades do som.

Por ser um trabalho a realizar na educação básica, as propostas se adaptam à faixa etária da educação infantil e ensino fundamental I, e buscam elucidar e encorajar os profissionais mais leigos a trabalhar a música de forma agradável e lúdica possibilitando o desenvolvimento de alguns conceitos musicais básicos. Para ilustrar como o estímulo pode acontecer demonstraremos, na íntegra e sem modificações a tabela de 2003 de Beatriz Ilari, as janelas de oportunidades adaptada de Antunes (2002, p 22-23).

Um outro conceito, comumente associado à teoria de Gardner, é o que os neurobiólogos chamam de “janelas de oportunidades”. Essas janelas são na verdade, os períodos em que as crianças parecem ter maiores facilidades para desenvolver cada tipo de inteligência. É importante notar que o aprendizado não se limita ao “período de abertura” de cada janela. Em outras palavras, todas as inteligências podem ser estimuladas e desenvolvidas no decorrer da vida. Contudo, é durante o período de “abertura” das janelas que tal estimulação e desenvolvimento se dão de forma mais eficiente (Antunes, 2002; Gardner, 1983 apud ILARI, 2003, p. 13).

Tipo de Inteligência	Hemisfério	Períodos de abertura da janela	Desenvolvimento cerebral/cognitivo	Como estimular
Espacial	Direito	Dos 5 aos 10 anos de idade	Aperfeiçoamento da coordenação motora; percepção do corpo no espaço.	Exercícios físicos, jogos, movimentos, mapas e representações de sons e melodias.
Lingüística ou verbal	Esquerdo	Do nascimento aos 10 anos de idade	Conexões que transformam sons em palavras com	Jogos vocais, conversas, histórias, lendas, rimas, parlendas,

			sentido.	estórias musicadas.
Musical	Direito	Do nascimento aos 10 anos de idade*	A partir dos 3 anos, as áreas do cérebro que dominam a coordenação motora são muito sensíveis e já permitem a execução musical.	Canto, audição, movimento, dança, jogos musicais, identificação de sons e outras atividades que desenvolvam o ouvido interno.
Cinestésica corporal	Esquerdo	Do nascimento aos 6 anos	O cérebro desenvolve a capacidade de associação entre visualização e o ato de agarrar um objeto.	Brincadeiras que estimulam o tato, paladar e o olfato, mímica, interpretação de movimentos, jogos e atividades motoras diversas, com o sem objetos.
Interpessoal e intrapessoal	Lobo frontal	Do nascimento a puberdade	As conexões entre os circuitos do sistema límbico aumentam e se tornam bastante sensíveis aos estímulos provocados por outros seres.	Brincadeiras, demonstrações de afeto e de limites, estímulo às descobertas pessoais e também ao compartilhamento de objetos e idéias.
Naturalista	Lado direito	Do nascimento aos 14 anos*	A conexão de circuitos cerebrais transforma os sons em sensações.	Estimular a percepção do ar, da água, da temperatura através de jogos.
Lógico-matemática	Lobos parietais esquerdos	Do nascimento aos 10 anos	A cognição é desenvolvida através das ações da criança com os objetos do mundo, e suas expectativas em relação aos mesmos.	Desenhos, representações, jogos, atividades musicais, resolução de problemas simples em diversas áreas e que estimulem o raciocínio lógico.

*idades diferentes são apresentadas por Antunes(2002). Alteração da autora.

Alguns elementos da percepção auditiva e das qualidades do som são facilmente trabalhados, abaixo definiremos alguns conceitos de maneira clara e

simples (nossa ótica nesse caso não é a mesma de um físico) para posteriormente prosseguir para as possíveis atividades.

- **Propriedades do Som:**

Timbre: Diferentes sons que podemos identificar e reconhecer, qualidade do som.

Altura do som: Grave (grosso), médio e agudo (fino).

Andamento: Rápido, lento.

Intensidade: Forte, fraco.

- **Percepção Auditiva:**

Pulsção: Tempo, “batida da música”.

Acento: Tempo mais forte.

Movimento do som: Ascendente e descendente.

Duração: Curto e longo.

Ao conhecermos algumas características básicas do som e alguns conceitos da música podemos desenvolver atividades que possibilitem às crianças conhecer um pouco mais desse universo, entretanto temos que estar atentos em trabalhar a música para e com a vida e não apenas transformar a música em objeto sem significado, mas algo concreto na vida dessas crianças, lembrando que o objetivo maior não está na formação de músicos profissionais, mas sim no de colaborar para a formação de um sujeito sensível e crítico que tenha na música e na arte em geral uma ferramenta poderosa de expressão humana.

É importante que o educador utilize uma grande variedade de atividades e tipos de música, tais como:

- cantar canções;
- bater palmas em ritmos diversos;
- movimentar-se, dançar e/ou balançar partes do corpo ao som de música;
- ouvir vários tipos de melodias e ritmos;

- manusear objetos sonoros e instrumentos musicais;
- reconhecer canções;
- desenvolver notações espontâneas antes mesmo do aprendizado da leitura musical;
- participar de jogos musicais;
- acompanhar rimas e parlendas com gestos;
- encenar cenas musicais;
- participar de jogos de mímica de instrumentos e sons;
- aprender e criar histórias musicais;
- compor canções, inventar musicais.

Essas são algumas das atividades que devem necessariamente fazer parte do trabalho de musicalização com crianças. Todas essas atividades são benéficas e podem contribuir para o bom desenvolvimento do cérebro da criança (ILARI, 2003, p.14).

As atividades aqui propostas estão segmentadas a fim de poder exemplificar como o trabalho poderá ser realizado, todavia não há uma fórmula fechada em si mesma e dificilmente conseguiremos trabalhar cada elemento isoladamente, por isso cabe a cada educador acompanhar seus alunos e seus respectivos desenvolvimentos e suas necessidades podendo assim agir de maneira peculiar a cada situação, improvisando e agindo de acordo com suas possibilidades.

- Para trabalhar os **diferentes timbres**: pode-se realizar um apanhado de diferentes sons conhecidos ou não; apresentá-los aos alunos de maneira aleatória para que eles possam identificá-los ou até mesmo conhecendo as possibilidades; pode-se oportunizar aos alunos que busquem no ambiente diferentes qualidades sonoras, sendo essa uma atividade que necessita de poucos recursos; caso seja possível também pode ser explorado timbres de diferentes instrumentos musicais e também os timbres vocais de cada criança. Também é possível pedir para que as crianças mantenham os olhos fechados e identifiquem alguns diferentes sons produzidos pelo professor como uma batida de mãos, um assobio, um sino, o pingar de uma bola e assim por diante.

- Ao trabalhar a **altura do som**, para melhor assimilação da criança, há necessidade de se trabalhar, a princípio, os extremos, ou seja, sons extremamente graves e extremamente agudos para depois introduzir sons medianos, algumas brincadeiras são facilmente adaptáveis a essa proposta como a brincadeira do “vivo ou morto” onde se substitui as palavras vivo e morto por sons agudos e graves, relacionando determinado movimento da criança a uma diferente altura do som. É possível introduzir o silêncio como ausência de movimentos nesse caso. Levar instrumentos como teclado pode ser um artifício bastante interessante, pois cada tecla apresenta diferentes alturas que podem ser explorada pelos alunos.
- O **andamento** é facilmente trabalhado quando o professor apresenta aos alunos músicas rápidas ou lentas, pedindo aos alunos que identifiquem a principal diferença, batidas de palmas ou de tambor ora rápidas ora lentas, também podem alcançar os mesmos efeitos; uma brincadeira de fácil realização pode concretizar ainda mais essa propriedade do som: em círculos peça aos participantes que passem de mão em mão algum objeto, uma bola. por exemplo, de acordo com o andamento da música e em algum sinal do professor (combinado antecipadamente) inverte-se o sentido em que o objeto está sendo passado, cabe ao professor explicar a brincadeira e preparar uma ou mais canções que possuam diferentes andamentos.
- A **intensidade** pode ser trabalhada através de uma brincadeira muito simples adaptada do “quente ou frio”, onde um aluno sai da sala e um objeto qualquer é escondido sem que o mesmo veja, ao entrar para procurar o objeto o restante da sala emite sons de acordo com a proximidade que o aluno que procura está do objeto, se estiver perto a intensidade do barulho aumenta, se estiver longe diminui, cantar uma música também pode servir como guia, sendo cantada fraca ou forte de acordo com a distância que estiver do objeto.
- A **pulsação** pode ser introduzida através do próprio corpo das crianças, pode o educador pedir que os alunos sintam as próprias batidas do coração e andem de acordo com esse pulso, depois pode sugerir que os alunos corram e novamente sintam a pulsação do coração que estará diferente e assim pedir novamente que eles sigam o som do coração. Outra estratégia é fazer com que eles imitem

batidas no corpo em diferentes pulsos, sugerindo que eles também criem sons e sejam imitados pelos pares e pelo professor.

- Já o **acento** pode ser explorado através de músicas que tenham a sílaba forte em diferentes locais, ritmos diferentes entre si como a valsa e o baião que demonstram facilmente as diferenças tônicas; podemos sugerir que eles andem pela sala durante a execução de uma música e no acento eles pulem ou se abaixem. Outra proposta é que eles batam palmas falando o nome das crianças, onde na sílaba tônica do nome a batida seja mais forte.
- As músicas clássicas demonstram nitidamente a ascendência e descendência do som, ou seja o gráfico da música e assim sendo a questão do **movimento do som** poderá ser trabalhado associando a música ao movimento do corpo. Nesse caso, a dança pode e deve ser muito explorada.
- A **duração** pode ser explorada produzindo-se sons curtos e longos pedindo para que as crianças identifiquem qual a diferença dos sons produzidos, após essa identificação o professor com o auxílio de um teclado (som emitido pelo teclado dura o mesmo tempo que a tecla se mantém pressionada) ou de uma flauta (o som dura o tempo que mantém o assopro) ou qualquer instrumento de fácil manuseio e exploração da duração; pode-se pedir para que algum aluno produza o som enquanto os outros fazem movimentos de acordo com a duração do mesmo.

Muitas atividades podem colaborar para o aprendizado musical de vários conhecimentos simultaneamente, todavia não existe a necessidade do educador priorizar apenas conceitos, pois na educação básica que é o foco do nosso trabalho buscaremos abrir horizontes acerca da música como ferramenta de expressão humana, a qual os sentimentos podem ser transmitidos para além dos nossos cinco sentidos e que a realidade pode ser transformada, considerando a arte como área do conhecimento e ciência onde a música possa ter seu valor por fazer parte do cotidiano de todo o ser humano.

A arte faz parte do ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos, exercitar a sensibilidade, lidar com o diferente, reconhecer a identidade que torna as pessoas únicas e, ao mesmo tempo, pertencentes a uma sociedade, com suas manifestações culturais, festivas, sacras e profanas (STRAZZACAPPA;SCHROEDER;SCHROEDER, 2005, p.75).

Com base em tudo que se foi mencionado sobre a percepção sonora, propriedades e desenvolvimento, podemos citar atividades que estimulem tal conhecimento. Desse modo, BRITO, 2003, em seu livro “Música na educação Infantil” vem nos mostrar algumas sugestões para a estimulação da apreciação sonora, entre outras:

- Sugerir que a criança feche os olhos e preste atenção em tudo que ouve, e depois de alguns minutos abra os olhos e observe e relacione todo som que escutava com os olhos fechados;
- O dialogo continuo com as crianças estimula a concentração e atenção para a escuta, fazendo com que transforme a consciência da criança para atividades em que a apreciação do som necessite de mais meditação;
- Escutar e relacionar os sons que são parte do dia - dia da escola (em diversos espaços: sala de aula, cozinha, pátio, parque) e de outros locais da redondeza. E em seguida pode ser sugerido que as crianças façam “mapas” registrando suas observações sonoras, o que de fato, estimulará bastante a audição, e reforçará o vínculo com o espaço em que eles vivem e convivem. Se houver recurso disponível, seria interessante gravar esses sons.

Logo em seguida baseado em BRITO, 2003 propusemos estratégias e atividades que auxiliem o professor em sua pratica cotidiana:

Integrando som e movimento

- Sugerir que a criança produza diferentes eventos sonoros, de modo que explore todo espaço (cadeiras, mesas, parede) é necessário que o espaço seja bem amplo para aumentar as possibilidades de sons.
- *Estátua*- é uma brincadeira que podemos fazer muitas variações de ritmos (rápido, lento, moderado) e sons (Alto, baixo, silencio).
- *A loja de Brinquedos de Corda*- Cada criança escolhe ser um brinquedo livremente, os brinquedos ficam parados livremente até chegar o dono da loja. Usando um instrumento (reco-reco, por exemplo), ele se aproxima de cada criança tocando, e então, o brinquedo começa a funcionar. Cada criança-brinquedo movimenta-se como o brinquedo escolhido, acompanhando seu

movimento com os sons do instrumento. Quando a corda acaba, o brinquedo para de funcionar (o que acontece aleatoriamente, a critério de cada um), e o dono deve estar atento para colocar o brinquedo novamente em funcionamento.

- *O jogo dos animais*- As crianças se movimentam seguindo os sons de animais. Podemos utilizar gravações, fazer os sons com instrumentos, utilizar a voz.
- *Movimentos de locomoção*- Utilizar movimentos de locomoção (correr, pular, arrastar, deslizar), associando-se a sons: Um movimento sonoro para andar, outro para correr, etc.

Brincando com a voz:

- Brinque com a voz pesquisando as possibilidades de realização vocal: Você pode conversar ou cantar com uma voz aguda, grave, médio. Sua voz pode se mover, como se estivesse subindo descendo.
- Produzir diversos sons e ruídos explorando as possibilidades e estimule as crianças a criarem também.
- Contar histórias incluindo diferentes tipos de sons, instrumentos. Um exemplo que podemos citar é na história da Chapeuzinho Vermelho, no momento em que ela se encontra com o Lobo mal, podemos incluir sons de suspense e assim ir criando em cima de outras histórias.
- Estimular a criança a inventar e recontar histórias que ela já conhece.
- Possibilitar espaços em que a criança invente canções.

Brincadeiras de Roda:

- Utilizar o brincar musical, para também estimular a criança a pesquisar, fazendo um resgate cultural, com seus familiares, comunidade, possibilitando a troca com outras brincadeiras musicais utilizando cantigas de roda tradicionais como Samba LeLê, Escravo de Jó, A Linda Rosa Juvenil.

Sonorização de Histórias:

- Contar utilizando objetos, voz e corpo.
- Contar história utilizando instrumentos musicais.
- Propiciar materiais para que a criança crie instrumentos para contar histórias.

Elaborar arranjos musicais/ Registro da notação musical.

- Criar com as crianças arranjos simples, formando bandinhas.
- Colocar diferentes tipos de ritmos e sugerir que a criança desenhe. (desenhar som é a percepção que a criança tem do que ela escuta)
- Escutar diferentes gravações com obras musicais.
- Apreciar diferentes culturas musicais.

Fontes sonoras para o fazer musical:

- Conhecer e sentir os diferentes instrumentos musicais (sopro, corda e percussão).
- Levar instrumentos ou gravações de sons de instrumentos que são fora do cotidiano das crianças.
- Escolher materiais adequados a faixa etária das crianças.
- Construir seus próprios instrumentos, assim como:
 - Bateria com latas de achocolatados, leite em pó.
 - Violão com caixa de sapatos e elásticos.
 - Chocalhos com potes de Danone, garrafas plásticas e diversos tipos de grãos para testar os diferentes sons, tambores de bexigas e latas.
- Apreciar os sons dos instrumentos produzidos pelos alunos.
- Criar bandinhas.

O rol de atividades existentes para o trabalho com a música é extremamente vasto, como professores unidocentes temos que buscar aperfeiçoamento sempre,

pois trabalhar com o humano é tratar do imprevisto, devemos planejar, porém não engessar a nossa prática em “receitas” pré-estabelecidas.

Considerações finais

Pudemos perceber que ao longo da história a arte aparece de maneira peculiar em cada cultura. Como sabemos ela representa uma forte maneira de expressão humana, possibilitando transformação em nossas realidades, despertando emoções e mudando comportamentos.

Sabe-se da obrigatoriedade da arte bem como da música no currículo da educação básica do nosso país, sabe-se também que, muitas vezes, a legislação nos impõe conteúdos a cumprir sem verificar se ao menos possuímos preparo ou se concordamos com determinada temática. Os professores são cobrados a atender as exigências dos Parâmetros Curriculares pelos diretores e coordenadores das escolas, sendo sobrecarregados e avaliados pelos sistemas existentes em nossa esfera.

Concordando ou não, espera-se que o professor “dê conta” de tudo e, com esse propósito, temos que procurar meios para tal e é nessa proposta que o presente trabalho está inserido, não por conviência com a política impositiva, que impõe obrigações, sem garantir os meios necessários à execução das propostas, mas por que acreditamos ser importante para melhorar a nossa prática docente.

Procuramos demonstrar que, de fato, a música contribui no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança e que sua prática escolar, atrelada a uma perspectiva sensível do educador, pode proporcionar um progresso na capacidade de sentir o mundo e colaborar para a formação de um futuro adulto crítico e emancipado, além de ser esse um meio muito prazeroso de se atingir os objetivos educacionais.

Ao propor as atividades práticas, buscamos evidenciar que para se trabalhar com música não há necessariamente a obrigação de conhecer teoria musical como um músico profissional, mas sim, de oferecer acesso à linguagem musical na educação básica, a fim de oferecer novas oportunidades aos alunos que muitas vezes só conhecem aquilo que a grande mídia divulga.

O objetivo desse trabalho não é criar um “caderno de receitas”, pois como sabemos uma boa educação não pode ser conduzida por mecanismos que

procuram tornar as crianças cubos de gelo de uma mesma forma, devemos estar preparados para o novo, para o imprevisto, devemos ser sensíveis à realidade na qual estamos inseridos, devemos estar conscientes que ao preparar a aula não devemos almejar apenas o resultado final, mas sim todo processo de construção de conhecimento.

Certa vez ao levar meu violão para o concerto conheci um senhor de 77 anos que há muito tempo trabalhava no ofício e que havia construído ao longo da vida muitos instrumentos musicais, questionei a ele quais instrumentos ele tocava, a resposta foi à seguinte: “não toco nenhum, mas to aprendendo alguns”, depois me explicou que a música é uma ciência onde é impossível saber tudo e que sempre algo novo irá surgir e sempre teremos o que aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Cecília Maria de Castro. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: FERREIRA, Sueli (org.), O ensino de artes: construindo caminhos. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BORGES, G. A. Psicologia da Educação e música: possibilidades. Florianópolis, 2006. Disponível em: <www.musicaeducacao.mus.br> Acesso em: 16/11/10.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm> Acesso em: 12/11/10.
- BRITO, Teca A. de: Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança. Ed. Peirópolis, 2003 São Paulo – SP.
- BUENO, V. F.; MACEDO, E. C. Julgamento de estados emocionais em faces esquemáticas por meio da música por crianças. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol. 6, n. 2, p. 27-36. São Paulo: jul./dez. 2004. Disponível em <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/viewFile/1162/863>> Acesso em: 12/11/10.
- COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. *Opus*, Goiânia, vol. 15, n.1, p. 110-125, jun. 2009.
- FERREIRA, D.L.A. et al. A influência da linguagem musical na educação infantil; Anais da VII Jornada do Histedbr, Campo Grande, set. 2007. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7>. Acesso em 07/03/12.
- HANGREAVES, D. Música, aprendizagem e identidade. Tradução de ILARI, B. *Revista eletrônica de musicologia*, vol. IX, Curitiba: out. 2005. Disponível em <<http://www.rem.ufpr.br/REM/REMV9-1/hargreaves.html>> Acesso em: 15/11/10.
- ILARI, B. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. *Revista eletrônica de musicologia*, vol. IX, Curitiba: out. 2005. Disponível em <<http://www.rem.ufpr.br/REM/REMV9-1/hargreaves.html>> Acesso em: 17/11/10.
- ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, vol. 9, 7-16, set. 2003.
- NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, vol. 5, n. 2, Goiânia: dez. 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html>. Acesso em: 30/10/10.
- PEDERIVA, P.L.M; TRISTÃO, R.M. Música e Cognição. *Revista Ciências e Cognição*; vol. 09, p. 83-90, Nov. 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 27/03/12.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Música na Escola: pra quê? Considerações a propósito da lei 11.769/08. Anais do III Encontro de Educação Musical da UNICAMP, Campinas, ago de 2010.

SOUSA, A. B. Educação pela arte e artes na educação. Vol. 3, Lisboa: Instituto Piaget (2003).

STRAZZACAPPA, Márcia, SCHROEDER, Sílvia Nassif, SCHROEDER, Jorge. A construção do conhecimento em Arte. Texto In BITTENCOURT, Agueda Bernadete; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Estudo Pensamento e Criação, Livro I Campinas, SP: Graf. FE, 2005, pág. 75-82.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação Social da Mente. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SITES CONSULTADOS (Período: De janeiro a abril de 2012)

<http://www.universidades.com.br/brasil.htm>

<http://faced.ufam.edu.br/portal/images/stories/arquivos/projeto%20pedagogico%20de%20pedagogia.pdf>

https://sig.ufma.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=1622

http://www.cultura.ufpa.br/pedagogia/n_basico.htm

http://www.cultura.ufpa.br/pedagogia/arte_educa.pdf

<http://www.ded.unir.br/?pag=submenu&id=201&titulo=Projeto%20Pol%EDtico%20Pedag%F3gico%20%202002>

<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/cedu/graduacao/pedagogia>

<http://www.uesb.br/catalogo/cga-chu.asp>

http://www.faced.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=19&Itemid=34

<http://www.uema.br/graduacao/cursos-da-uema>

https://sig.ufma.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=1622

http://www.upe.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=397&Itemid=68

http://www.ufrpe.br/curso_ver.php?idConteudo=11

http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=160&Itemid=206

<http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/85370597>

<http://www.fe.unb.br/graduacao/presencial/fluxo-curricular/fluxo-curricular-correcao>

<http://www.fe.unb.br/graduacao/presencial/fluxo-curricular/optativas-fora-do-fluxo-1>

http://www.jatai.ufg.br/uploads/177/original_Grade_Curricular_do_CURSO_DE_PEDAGOGIA.pdf?1330363985

<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/index.php/secao/site/2484/PROEG>

<http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/0322>

http://www.uems.br/portal/cursos/repositorio/14_2010-07-13_10-06-51.PDF

http://www.dfe.uem.br/dfe_grad2.htm

<http://www.uepg.br/Catalogo/setor5/pedagogo.pdf>

<http://www.educacao.ufpr.br/?q=node/146>

<http://www.uepg.br/Catalogo/setor5/pedagogo.pdf>

<http://www.unioeste.br/prg/>

http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=341

http://w3.ufsm.br/pedagogia/index_arquivos/noticias1_arquivos/ppp/curriculo/estrutcurricular/aconselhada/06%20SEMESTRE.pdf

http://w3.ufsm.br/pedagogia/index_arquivos/noticias1_arquivos/ppp/curriculo/estrutcurricular/aconselhada/07%20SEMESTRE.pdf

http://www.furb.br/novo//arquivos/editor/files/Pedagogia%202011_2_009-1.pdf

<https://www.siga.ufrj.br/sira/temas/zire/frameConsultas.jsp?mainPage=/repositorio-curriculo/B137164D-92A4-F79F-3C28-DD379D8B0991.html>

http://www.unifesp.br/prograd/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1396&Itemid=260

http://www.unifesp.br/prograd/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1714&Itemid=260

<https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/O-Curso>

http://www.uemg.br/downloads/matriz_fae_08032012.pdf

<http://www.prograd.ufop.br/images/stories/curso/2012-1/ped.pdf>

<http://www.ufjf.br/faculdadedeeducacao/files/2012/01/Hor%C3%A1rio-Pedagogia-1-2012.pdf>

<http://www.prograd.ufop.br/images/stories/curso/2012-1/ped.pdf>

<http://www.faced.ufu.br/pedagog/docs/curriculo.pdf>

<http://www.ufla.br/index.php/ensino/graduacao/>

<http://www.ufv.br/pre/files/fra/catalogo2008/grades/CCH/PED-Pedagogia.pdf>

<http://paje.fe.usp.br/estrutura/pedago/grade.htm>

http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/pedagogia-curri_pedago-grade.html

http://www.rc.unesp.br/ib/grad/pedagogia/PED_ESTRU.htm

<https://sistemas.uff.br/iduff/sid137avUfd98/consultaMatrizCurricular.uff>

<http://www.educacao.uerj.br/>

<http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/grade-curricular-2009.pdf>